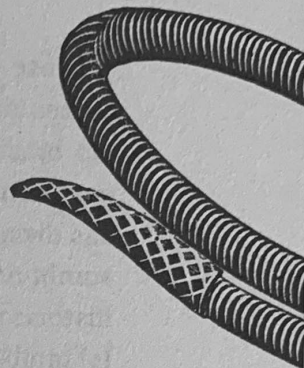


LEMBRA-TE DE MIM

José de Alencar

1872



JOSÉ DE ALENCAR

Messejana (CE), 1829 —
Rio de Janeiro (RJ), 1877

José Martiniano de Alencar é um dos nomes mais representativos do Romantismo brasileiro, tido como fundador do romance nacional, realizado por ele dentro das diversas modalidades que o gênero assumiu no período: o romance indianista, o histórico, o urbano, o regional etc. Alencar foi também cronista, dramaturgo, memorialista e polemista, além de ter tido participação ativa na política do Segundo Reinado. Em termos de narrativas breves, Alencar se tornou mais famoso por novelas como *A viúva* e *Cinco minutos*, geralmente reproduzidas em antologias anteriores dedicadas ao gênero. “Lembra-te de mim” é dos títulos menos conhecidos como exemplo da incursão alencariana pelo conto ou novela, talvez porque originalmente publicado na forma de prefácio a um livro de Luís Guimarães Júnior. A narrativa explora temas caros à literatura da época, como o casamento de conveniência em detrimento do verdadeiro amor, o abandono, a loucura, além da flor que dá nome ao conto, que, apesar de significado diverso, não deixa de evocar a lembrança da *flor azul* de Novalis, um dos grandes símbolos do Romantismo.



I

O arroio corria trépido e gárrulo, pelo regaço da campina, entre as pedrinhas vermelhas que matizavam o leito de branca e fina areia.

Campânulas, boninas, lírios, botões-de-ouro e outras flores silvestres bordavam-lhe as margens estofadas de relva sempre verde e viçosa; e no cristal de suas águas límpidas espelhavam as airis os penachos graciosos, arrufados pela viração.

Na hora da calma intensa, quando os passarinhos emudeciam, abrigados à sombra das árvores, os doces murmúrios do regato se misturavam com o descante alegre de Nila, que bordava no rústico alpendre da casinha.

Às vezes uma graúna, escondida na copa frondosa da mangueira, convidada pelos arpejos do canto gazil, trinava em desafio; como uma flauta agreste fazendo o acompanhamento da singela modinha brasileira.

Era maviosa a voz de Nila, porém livre e caprichosa, como a brisa que se enleia na ramagem, e aqui meiga suspira no cálice da

rosa, lá plange melancólica nas franças dos pinheiros, além crepita e farfalha prazenteira entre os leques da palmeira, semelhante à gentil moreninha que estala as castanholas, dançando o lundu.

Assim no meio dos quebros de ternura, soltava-se uma volata, que mais parecia cascata de riso fresco e argentino do que a modulação da cantiga.

Mas eram essas puras alegrias, essas efusões de contentamento, que davam aos descantes de Nila uma graça inimitável. Quando ela cantava, na hora mais ardente, acompanhando o ágil movimento da agulha, parecia que lhe borbultava dos lábios em aljôfares uma frescura deliciosa, a derramar-se na alma de quem a ouvia, por aquela calma abrasadora.

II

De manhã, às primeiras alvoradas, quando se abria a portinha do casebre, aparecia Nila esfregando os olhos ainda cheios de sono e deslumbrados pela claridade.

Como vinham abotoados de aborrecimento os lábios encarnados? Nunca se pareciam eles tanto com os bagos carnudos da pitanga. Ah! Quem os provara, para ver se tinham também o agridoce no sabor?

A viuvinha, porém, chilrava na laranjeira o seu trilo argentino, *Marido é dia*; e Nila, voltando-se para ela com um sorriso, começava a arremedá-la.

Disparava depois a correr até o regato e sentava-se na grama para lavar o rosto, pois não tinha ela, a faceira menina, outro tocador senão aquele que lhe fizera a natureza, e talvez lhe invejassem em dias de tédio muitas moças encerradas em seus camarins de estofos e dourados.

Às vezes, quando não tinha pressa de acabar alguma costura, ficava Nila tempo esquecido a mirar-se no cristal das águas, anelando entre os dedos os crespos cabelos castanhos que enroscavam-se pelo colo; requebrando languidamente os grandes olhos pardos; e

amarrotando nos lábios o sorriso gentil que neles floria, para compor um sério, melancólico e sentimental.

Achava-se bonita, bem bonita, mesmo nesse desalinho, e com o modesto roupão de chita, liso, mas fofo, que lhe escondia os contornos graciosos do talhe pubescente. O que não seria quando punha o seu vestido de garça, cujo decote mostrava o casto relevo de um seio virgem, enquanto o lustre da seda fazia ondular?

Expandia-se então o semblante da menina, que apinhando os dedos na boca, estalava um beijo e o atirava rindo à sua imagem refletida na água, como um namorado à sua amada.

III

Uma vez voltando para a casa, encontrou Nila um homem, que vinha pelo mesmo caminho com a cabeça baixa e o passo tardo.

Por vergonha de ser vista e curiosidade de ver, escondeu-se a menina atrás de uma moita.

O desconhecido ao passar por diante parou para colher flores azuis à borda da água; e ela pôde então examiná-lo a seu gosto. Era moço e moço da corte: isso via-se logo pelo corte elegante de sua roupa de campo e a graça especial que tinha em toda sua pessoa.

Nila nunca tinha visto aquele modo tão airoso, nem sabia que se chamava o *chique*. Mas, com o seu instinto de moça adivinhou logo aquela faceirice, e compreendeu que só na corte se aprendia o segredo dessas maneiras.

Não era só moço e casquilho o desconhecido; também era bonito. Tinha uma dessas fisionomias corretas e artísticas, perfumadas de sedutora palidez, que parecem figurinos de um jornal de modas, copiados em cera.

Para as meninas ingênuas, cujas almas Deus criou de sorrisos e ilusões, essa beleza plástica tem um encanto irresistível. Elas amam a cor, o metro, a harmonia das formas.

O homem a seus olhos é como a estrela, a flor, o colibri, o brilhante, a pérola, a renda, a fita, e todas essas galanterias em que sua alma gentil vê refletir-se um traço da própria imagem.

A que tempos já passara o moço, que desaparecera ao longe na volta do caminho, e, entretanto, Nila ainda lá está escondida na moita, arrancando uma a uma as flores de um ramo de madres-silvas, que desfolha distraidamente.

As pálpebras meio cerradas coavam apenas entre os cílios um vago olhar que flutuava na doce trepidação de uma réstia de sol, filtrada pelo trêmulo recorte das folhas.

Nessa gaze umbrosa acendiam-se e apagavam-se os cambiantes da doce miragem de sua alma.

IV

As lindas cantigas tinham emudecido no lábio travesso da formosa Nila.

Escondida já no canto do alpendre, trabalhava calada e tão quieta que não se perceberia na sombra o seu vulto gracioso, a não ser o movimento compassado da mão pespontando a costura.

Se entreabria-se a mimosa boca, era para soltar o suspiro que enfunava-lhe docemente o seio; ou então para mostrar a ponta do dentinho alvo que mordida o lábio com um assomo de impaciência.

Por que essa mudança?

Uma semana havia que desaparecera o moço; e Nila não podia mais espí-lo por entre as latadas de madressilvas, lembrando-se das histórias que outrora lhe contava sua mãe.

Veio o domingo.

Nila acordou contente e espanejando-se como o saci, que ao doce bafejo do romper do dia sacode as penas aljofradas de orvalho e gazeia saltitando pelo tope das árvores.

Correu prazenteira ao seu querido regato. Pareceu-lhe que não o vira desde muito, e não gozara do prazer de banhar-se em suas águas cristalinas. Se ela andava tão alheia de si, e daquilo que amava?

Mas agora desforrava-se; e tudo lhe era novo, como se admirasse pela primeira vez estes sítios pitorescos onde nascera.

Abençoada aurora da vida! Como são passageiras as nuvens

que toldam a tua serenidade; e como voltam logo, e tão cheias de gozos inefáveis, as bonanças da alma?

V

Mirando-se na límpida veia do regato, com o rosto ainda aljofrado das gotas de água e os cabelos derramados pelo colo nu, viu Nila surpresa desenhar-se junto ao seu, bem junto, o rosto de um mancebo que lhe sorria.

Era o desconhecido; o mesmo dos dias anteriores, que a olhava da margem oposta do regato, quase fronteiro a ela, e também inclinado para a corrente, onde acabava de colher algumas das florinhas azuis, suas prediletas.

Com um rápido gesto, fechou a menina o crespô véu da sua madeixa, apertando contra o seio os anéis que lhe cobriam as faces; e, arrepiando-se como a nambu, fugiu.

Riu-se o moço da timidez da linda menina; e seguindo o vulto gracioso, sua pupila baça e fatigada acendeu-se com um lampejo ao ver a mimosa carnação da perna, que descobrira a fimbria do vestido com o volutear da corrida.

Mas bocejou, como um homem que se sente invadido pelo tédio; e, esquecendo a camponesa, sentou-se à margem do arroio.

Distraiu-se em colher as flores da trapoeraba, que brilhavam entre a relva com um azul tão diáfano e puro, como era o matiz do céu naquela manhã de primavera.

Mal sabia ele que, através da folhagem, dois olhos buliçosos o estavam espreitando desde muito tempo.

Nila tinha fugido, só quanto bastara para esconder-se e espiar.

VI

Quantas vezes encontrou Nila o desconhecido, a discurrir pela campina ou vagando à margem do regato, e quantas fugiu por pejo e faceirice?

Também que longas horas não passou ela contemplando o desconhecido por entre a espessura, e embebendo em sua alma aquela imagem formosa como uma estrela?

Ela que dantes não colhia flores para trazê-las, contentando-se de as ter nas árvores, por companheiras de seus folguedos campestres, algumas vezes amarrotando-as, como faz a criança às bonecas; agora achava prazer em catar na grama a florinha azul, que prendia no decote do vestido, onde logo a murchava o calor do seio.

O seu maior divertimento, ou a mais gostosa travessura, era erguer-se muito cedo, com as primeiras arraiadas da luz, e correr ao arroio para colher todas as florinhas azuis que abrissem naquela manhã.

Depois escondia-se para ver o moço, que no seu passeio habitual debalde procurava as suas prediletas e só a muito custo lá achava alguma que tinha escapado à colheita.

Então a travessa deitava na água sobre uma folha de nenúfar o seu ramalhete, que ia levado pela correnteza passar diante do desconhecido.

A primeira vez o apanhou ele pensando que tinha caído por inadvertência e procurou a quem restituí-lo. Mas a dona fugia como sempre, sem dar-lhe tempo de falar.

De outra vez compreendeu o desconhecido que era um mimo, enviado pelo regato, mudo e inocente mensageiro. E desde então, quando o tirava da água, embora não visse a moça, roçava os lábios pelo ramalhete e o prendia ao peito do redingote.

Nila, oculta entre as árvores, vendo-o beijar as flores, corava como se lhe queimasse as lindas faces o bafejo de uma chama.

VII

Vinha rompendo a aurora.

Pulava Nila sobre a grama fazendo a sua colheita habitual. A aurora já enrubescia as nuvens jaspeadas, que estofavam o horizonte; e a menina, receosa, apressava-se para não ser surpreendida.

Esgarçando uma fita do leque de uma palmeira, atou o ramalhete e se abaixou para deitá-lo na água sobre a folha da ninfeia.

Mas surgiu mão alva e delicada, que, roçando sutilmente o talhe da moça, recebeu o ramalhete antes que ela o largasse na folha.

Imóvel de espanto, gelada a voz nos lábios, com uma nuvem nos olhos, ficou Nila um instante; mas voltou logo a si ao contato de um braço que a cingia.

— Não me abrace! — exclamou ela com um assomo de cólera.

— Queria que a deixasse cair na água? — perguntou o desconhecido com um brando sorriso.

Nila voltou-lhe as costas.

— Se a ofendi, peço-lhe perdão — continuou o desconhecido com a mesma voz doce e melancólica. — Foi um gracejo, fiz mal; não voltarei mais a estes lugares para não contrariá-la com minha presença.

Ia afastar-se, mas ouviu pranto. Nila soluçava, cobrindo o rosto com as mãos.

— Meu Deus, que lhe fiz eu? — perguntou o desconhecido sinceramente aflito pela mágoa que causara.

— O senhor está zangado comigo! — exclamou a moça descobrindo o seu belo semblante orvalhado de lágrimas.

Sorriu-se o desconhecido com expressão de bondade, e tirando o seu lenço de fina cambraia enxugou carinhosamente as faces da menina como faria um irmão.

VIII

Camilo Moreira sofrera uma decepção.

A sorte o feriu nos dois lóbulos que tinha seu coração, no amor e na ambição. Uma linda moça e rica herdeira, que havia cortejado um ano inteiro, sempre acolhido com distinção, de repente, no meio de geral surpresa, casara com uma espécie de Polifemo, verdadeira hipóbole humana.

O mais notável foi que a moça fez essa escolha muito livremente e por paixão. Era das que medem a grandeza do homem pela estatura.

Preterido por essa fêvera espessa que servia de estojo a uma alma raquítica; vendo se desvanecerem de chofre suas afagadas esperanças e desmornar-se o brilhante pedestal que sonhara para seu futuro, apoderou-se de Moreira o desânimo.

Sentiu-se doente. E que pior enfermidade do que o abatimento da energia vital e o tédio da existência, quando invadem uma organização ativa e robusta?

Embotou-se o olhar brilhante, e a primeira ruga sulcou a fronte do moço.

Enjoado do mentido interesse que mostravam os indiferentes por sua saúde, e aborrecido de responder às perguntas incessantes a respeito de sua magreza ou palidez, fora esconder-se naquele canto da província do Rio de Janeiro, onde não o importunassem o mundo.

IX

Desde aquele dia Nila não fugiu mais do mancebo, quando o encontrava à beira do arroio.

Ao contrário esquecia-se na companhia dele a passear pela margem, colhendo a florinha azul e saltitando sobre a relva.

Um dia voltou-se ela para Camilo Moreira e perguntou-lhe:

— Como se chama a sua flor?

— Não sei — respondeu ele.

— Ora, que pena!

— Podemos dar-lhe um nome.

— Qual há de ser?

— Qualquer. O seu...

— Não tem graça.

— Pois há de chamar-se "lembra-te de mim" — disse ele sorrindo. — Quando eu tiver deixado estes sítios, e a menina andar por aqui sozinha, já esquecida de nossos passeios, ela, a florinha

azul, brilhando entre a grama, lhe trará uma recordação deste amigo de alguns dias. E talvez a menina pergunte: "Coitado! Onde estará ele?"

— Então o senhor não fica morando aqui? — perguntou Nila, cujo semblante velou-se com uma nuvem de melancolia.

— Não posso! — disse Camilo com um suspiro.

E reparando na mágoa que desmaiava o gentil semblante da menina, buscou distraí-la daquele pensamento.

Outras vezes o mancebo, sentado com Nila à sombra das latadas de jasmims e madressilvas, devaneava como um poeta sobre a florinha azul.

— Veja, este folículo donde sai a flor tem a forma de um coração; e abre-se como ele para exalar o suspiro. Se o suspiro pudesse ter uma cor, havia de ser este azul suave, que é um reflexo do céu; e exprime a pureza e a constância do amor.

Nila bebia essas palavras, que derramavam em sua alma a doçura de um favo de mel.

X

Final chegou o dia da partida de Camilo Moreira.

Nila, quando soube da resolução do moço, debulhou-se em lágrimas e soluçou como uma criança.

— Não chore, Nila! Eu voltarei!

— Está me enganando.

— Eu lhe prometo.

— Quando?

— Não sei; o mais breve que eu puder.

— Jura?

— Juro!

— Pois bem, eu fico à espera.

E abafando um suspiro, enxugou as lágrimas, através das quais já espontava um sorriso de esperança, como raio do sol entre nuvens.

No dia seguinte Camilo Moreira, ao despedir-se da menina,

pousou-lhe um beijo na face, e prendendo-lhe no decote do vestido uma florinha azul, murmurou: "Lembra-te de mim".

Nila ficou imóvel até que o vulto do mancebo se perdeu ao longe, entre o arvoredo que bordava o caminho.

Abaixando então a cabeça para ver a florinha que o calor do seio já tinha murchado, orvalhou-a de lágrimas.

Todo o dia a trouxe no seio bem junta ao coração; e à noite, quando se recolheu, depositou-a aos pés de um registro de Nossa Senhora para que a Virgem Santíssima abençoasse o seu amor.

XI

Decorreram três anos.

Um dia, pela estrada que atravessava o córrego depois de margeá-lo em certa distância, passaram a par um elegante cavaleiro e uma faceira amazona.

Eram Camilo Moreira e sua mulher.

Restituído à corte e à vida dos salões, o mancebo encontrou-se nos bailes com a filha de um fazendeiro, que saíra do colégio e começava a frequentar a sociedade em companhia de uma parenta, a quem o pai incumbira de procurar-lhe noivo.

A moça agradou-se dele; e mais feliz desta vez, poucos meses depois realizou-se o casamento sem estorvo.

Estavam satisfeitos todos os votos de Moreira; o casamento lhe trouxera aquilo por que tanto almejava, influência e riqueza; mas esquecera o essencial, a felicidade doméstica.

Ligado a uma moça cheia de caprichos e vaidades, enervou-se toda sua energia moral e embotaram-se as nobres aspirações de sua inteligência.

A fazenda do sogro era situada justamente no lugar onde tinha passado o mancebo alguns meses de repouso e isolamento depois da decepção que sofrera.

Encaminhando o passeio para aquelas bandas e seguindo a margem do córrego, sentiu ele uma viva reminiscência dos dias

que ali vivera cismado, e da gentil companheira que lhe perfumara a solidão com seu inocente afeto.

Passaram o córrego, roçando pelos festões de madressilvas que espargiam flores sobre eles.

Entre a folhagem soou um gemido abafado.

Camilo voltou-se; mas nada viu.

XII

"Que será feito de Nila? Ainda habitará nestes lugares? A casa da mãe ficava por aqui perto, lá, junto daqueles palmeiros. Daqui não se avista por causa desta ponta de morro.

"Estará solteira ainda ou já terá casado? É mais provável. Pobre Nila! Como ela gostava de mim! E quando a deixei, como chorou, coitadinha! Que pena tive eu dela; não me animei a desenganá-la; jurei voltar.

"E ela prometeu me esperar. Criança! Aposto que uma semana depois já nem se lembrava de mim; ou quando se lembrava era para rir-se dos nossos desfrutes!

"Realmente naquele tempo não sei onde me andava a cabeça que passava horas e horas a namorar uma flor?

"Todos temos as nossas descaídas; e ainda bem que da minha não resultou mal a ninguém.

"Vou perguntar notícias de Nila; quero vê-la. Muito nos havemos de divertir com a lembrança das nossas criaçadas!"

Este monólogo, Camilo o fazia quando, no passeio a cavalo que dava só em companhia da mulher todas as manhãs, atravessava o córrego.

Alguma vez, porém, um eco recôndito repercutia-lhe dentro da alma estas palavras:

"Quem sabe se aquele amor puro e ingênuo não me daria a felicidade que não trouxe um casamento rico?..."

E uma vaga tristeza encobria-lhe o coração.

XIII

Chegavam Camilo Moreira e a mulher à beira do córrego.

Era a quinta vez que por aí passavam; e nessa manhã a moça ainda mais arrebitada que de ordinário causticava a paciência do marido, com beliscadelas e alfinetadas.

Junto à latada de madressilvas o cavalo refugou, olhando espantado para o maciço da folhagem.

Arredando as ramas com o cabo do chicote, viu Camilo, a alguns passos, sentada sobre a relva, uma moça, a catar nos tufos de grama que alfombravam o brejo as florinhas azuis.

Era Nila.

Reparando na sua imobilidade e acompanhando-lhe o olhar, descobriu um colar vivo que cingia o lindo braço da menina.

Um grito de espanto rompeu-lhe dos lábios, e ele precipitou-se cuidando chegar a tempo de salvar Nila.

A moça apanhava as florinhas azuis, como costumava todas as manhãs, desde que Camilo a deixara.

Percebendo a áspide que se enroscara no talo da planta, em vez de retirar o braço, tristemente sorriu. Sua esperança morrera há dias, quando viu a primeira vez passar Camilo com sua mulher.

A morte colhida, com a flor mimosa, era suave; parecia-lhe uma ternura daquele a quem amara, e que, não podendo já a possuir na terra, a enviava ao céu.

No momento em que o moço, atirando-se do cavalo, corria para Nila, ela ergueu a custo o braço onde se enroscava a áspide e, estendendo a mão, cujos dedos gelados ainda seguravam uma florinha azul, arquejou:

— Lembra-te de mim.

E, dobrando o colo, adormeceu.

